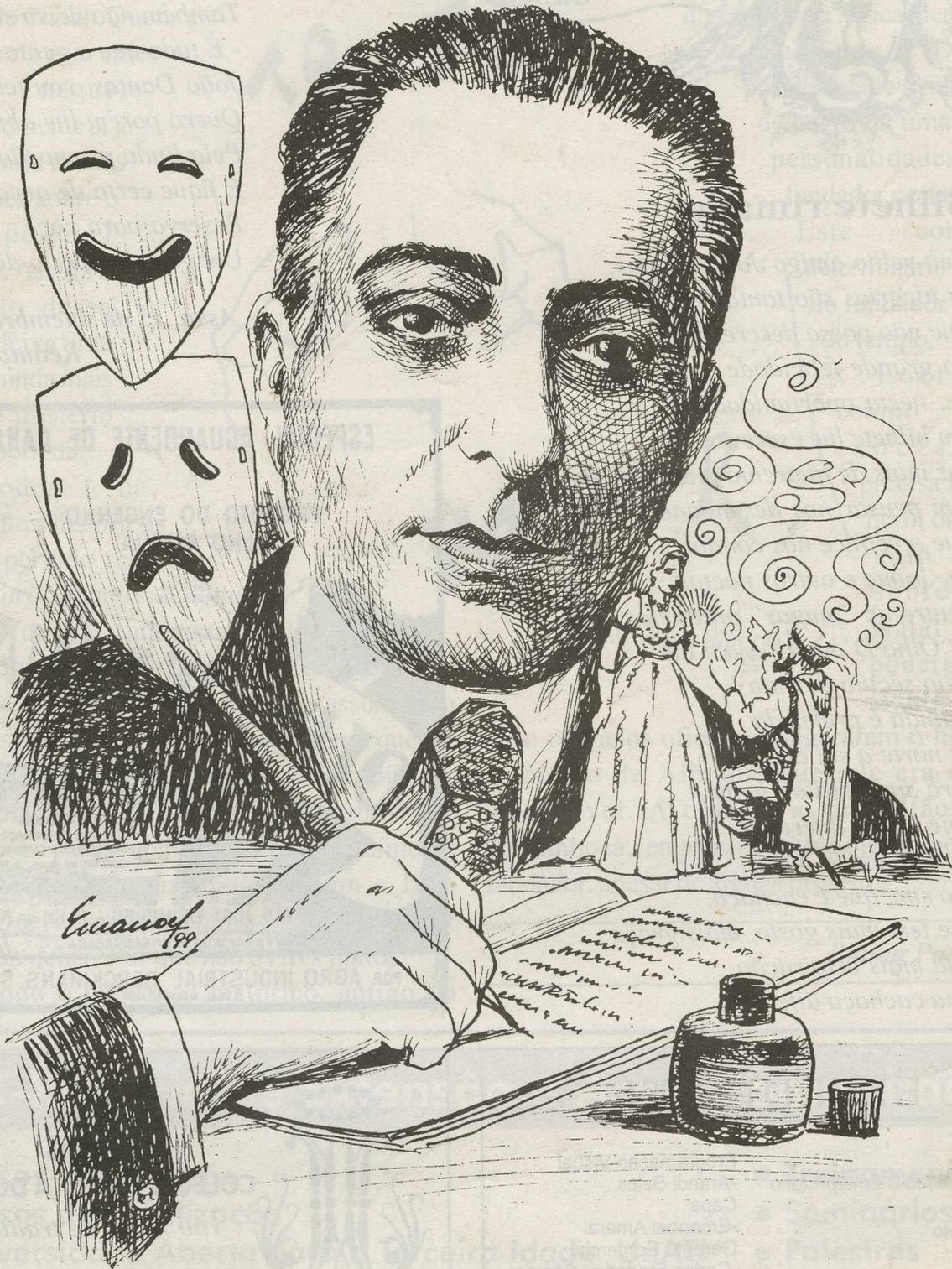


O Potiguar

Ano II Nº 13

Julho/99

Distribuição Gratuita



O Teatro de Jorge Fernandes



Bilhete rimado

Meu velho amigo João Dantas,
 As alegrias são tantas
 Que não posso descrever...
 Da grande felicidade
 De, nesta oportunidade,
 Um bilhete lhe escrever.
 Faz mais de quarenta anos!
 Sem pensar nos desenganos
 Que a velhice nos conduz...
 Eu, Jaime e outros poetas
 Dentre as "pingas" prediletas
 A "Olho D'água" era a luz.
 Meio século de vida!
 E ainda é preferida
 De norte a sul do Brasil.
 Para surpresa da gente,
 Hoje surge diferente:
 Num delicado barril.
 Isso sim, que é cachaça,
 Que tem mais gosto, mais graça
 E dá mais inspiração
 Uma cachaça diferente,

Que a gente bebendo sente
 Sabor de recordação.
 Recordação do passado!
 Um cheiro bom do pecado
 Dos lábios de uma mulher...
 Olho D'água não tem aca,
 Também não deixa ressaca
 - É tudo que a gente quer.
 João Dantas, vou terminar
 Quero porém lhe abraçar
 Pela linda promoção
 E fique certo de que,
 Reservo para você
 Um grande aperto de mão.

Assu, 13 de setembro de 1970
 Renato Caldas



EXPEDIENTE

Diretor	Programação Visual
-João Gothardo D. Emerenciano	-Arandi Sales
Editor	Capa
-Moura Neto	-Emanoel Amaral
Revisão	Gerente Comercial
-João Gothardo D. Emerenciano	-Carlos Frederico Câmara
-Giuliano Emerenciano Ginani	Impressão
	-Gráfica Nordeste

O Potiguar

Avenida Prudente de Moraes, 625-Tirol-Natal/RN-CEP:59 020-400



-UNBEC-
 COLÉGIO MARISTA DE NATAL
 100 Anos de tradição

Rua Apodi, 330 - Cidade Alta - Natal/RN - 59020 -
 130- fone: (084) 211-55005- Fax:(084)212-1216-
<http://www.natal-marista.com.br-natep@natal-marista.com.br>

NATAL 400 ANOS (1599/1999)

Quem fundou a cidade do Natal? De imediato, sabe-se que esta província teve três denominações topológicas em sua origem: Cidade dos Reis, Cidade de Santiago e Cidade do Natal. Quem a denominaria com esses nomes naquele tempo? Somente aí já se implicaria muitas indagações sobre o seu possível fundador. Assim, a dimensão dessa questão deixa uma resposta ainda mais cheia de mistério ao povo potiguar.

Todos os documentos históricos daquele período remoto são obscuros quanto ao nome do seu provável fundador. Nada registrado. Apenas vagas inferências dedutivas. Todos os historiadores do assunto são unânimes em afirmar que o fundador teria que ser o "capitão-mor" vigente na época. Três capitães – mores governaram aquele período tenebroso de informações para a confusão geral: Jerônimo de Albuquerque, Mascarenhas Homem e João Colaço. Qual deles seria o fundador? Teria que ser apenas um deles? Por que não os três juntos?

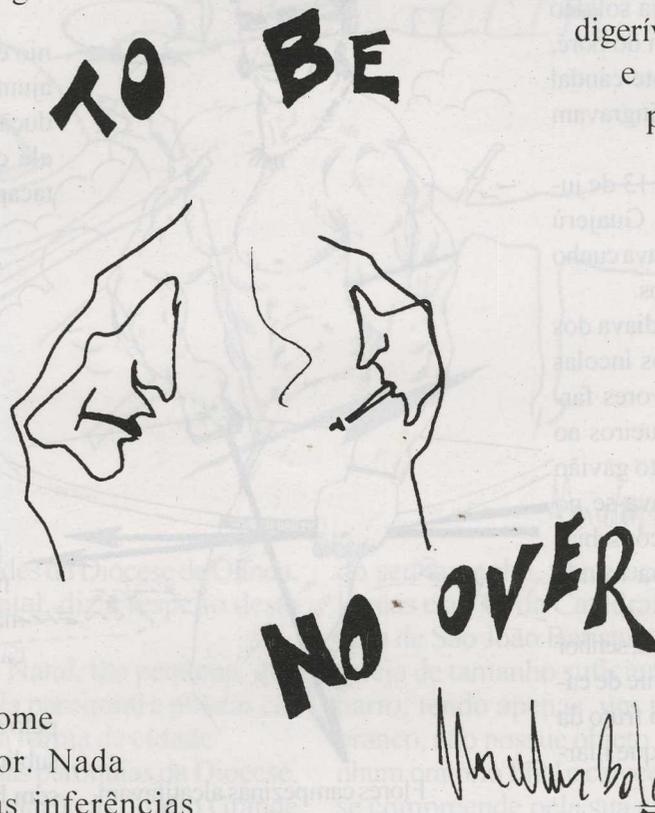
Todo o consenso histórico, antigo ou

moderno, parte de um ponto de vista em comum: só quem poderia fundar a Cidade do Natal era "um capitão-mor", por motivos óbvios; era o comandante geral. Noção mais digerível pela lógica hierárquica e clássica. Daí a possibilidade avaliativa e dedutiva de uma dessas personalidades ser o fundador desta cidade. Este consenso determinaria o nome do fundador através do tempo.

Portanto, como toda sociedade precisa de uma herói ou de um mito para sobreviver, Natal não poderia ficar isenta deste

viés: os meios oficiais asseguraram o nome de Jerônimo de Albuquerque que era o mais mastigável. A cidade, assim então, meio dorminhoca, engoliu-o até hoje como o seu fundador, apesar de alguns protestos.

Bianor Paulino



Pró-Reitoria de Extensão e Ação Comunitária

- Cursos de Extensão
- Cursos de Atualização
- Universidade Aberta para a Terceira Idade UnATI
- Treinamentos
- Seminários
- Palestras

Informações e Inscrições

Pró-Reitoria de Extensão e Ação Comunitária
Secretaria de Extensão e Ação Comunitária
Campus Floriano Peixoto - Av. Floriano Peixoto, 295 - Petrópolis
Natal/RN - Fone: (084) 215-1104/215-1118 Fax: (084) 215 - 1109
E-mail: extensao@unp.com.br

Dê a sua sugestão
Disk Extensão
215-1118

UP UNIVERSIDADE
POTIGUAR

O Índio Poti

Surgira o sol no levante prateando a superfície do Potengi lendário e emprestando às dunas circunjacentes uma tonalidade alaranjada.

A faixa de mangues, com o seu verde característico e em cuja solidão tantas vezes se perdera o som do boré, orlava as margens da corrente caudal onde, no bulício selvagem, singravam igaras velozes.

Era a véspera do dia 13 de junho de 1612. Na aldeia de Guajerú desusado movimento emprestava cunho particular aos festejos indianos.

Estranha alegria irradiava dos semblantes avermelhados dos incolos potiguares. A fronde das árvores farfalhava como leques de coqueiros ao brando sopro da brisa. O afoito gavião abandonava a presa e ocultava-se no silêncio da mata enquanto ariscos sabiás concertavam doce melodia na fronde de viçosas emburanas.

Poti, filho de Potiguassú, senhor desses campos, recebia na frente de cabelos pretos e luzidios como o fruto da jaboticaba, a água santa com que marcaria o início na fé cristã.

As igaçabas guardavam o licor festivo – o famoso cauim – que trazia a fantasia e o sonho maravilhoso.

Quando a sombra cobriu a terra, grandes fogueiras distenderam línguas rubras e derramaram sadia clareza no manto das trevas.

Toda a noite foi de festas e de prazer.

Na manhã seguinte, o valente

guerreiro, de indômita bravura e coragem inaudita, marchava à frente do imenso cortejo.



Flores campezinhas alcatifavam o solo em larga faixa multicolor, desde a casa do principal até à igreja onde Gaspar de S. Peres e Diogo Nunes chamavam as almas ao temor de Deus e às leis divinas.

A seu lado, caminhava formosa índiana de tez bronzeada e cabelos corredios distendidos pelos ombros.

Nos olhos tinha a cor da batanga e na alma, a pureza da cor da angélica.

Era filha da mesma raça guerreira, companheira dos seus afetos, de afáveis maneiras, meiga, solícita.

A cerimônia revestiu-se de grande solenidade.

Poti recebeu o nome de Antônio e sua mulher o de Clara, aos quais ajuntaram o sobrenome Camarão, tradução do primitivo nome por que era ele conhecido quando empunhava o tacape homicida.

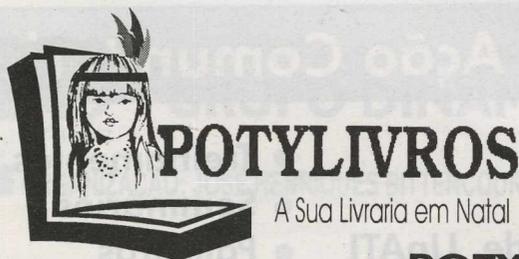
Grande foi a romaria dos que vieram render homenagem ao mais valente dos chefes, senhor de outros senhores, a quem respeitavam como o bravo dentre os mais bravos.

Desde então, fiéis aos princípios do catolicismo e aliados dos mais sinceros da causa de Portugal colonizador, os dois heróis tornaram-se mais amigos dos missionários e mais arrojados auxiliares da catequização.

Impunham-se pela simpatia e pelo amor e tornavam-se acatados pela sublimidade dos sentimentos, quer fizessem brandir a espada ao lado dos conquistadores, quer a flexa veloz cortasse os ares sob o impulso do braço ligeiro no manejo do arco.

Antonio da Rocha Fagundes

Extraído do livro *Natureza e História do Rio Grande do Norte*. Primeiro Tomo (1501-1885). Imprensa Oficial. Natal. 1969.



Rua Felipe Camarão, 609
Rua Felipe Camarão, 628
CEP: 59025-200
Telefax: (084) 221-2001
E-Mail: potylivros@digi.com.br

POTYLÂNDIA
Av. Senador Salgado
Filho, 1973
CEP: 59078-00
Fone: (084) 231-7170
Telefax: (084) 231-1448

PROMOÇÃO

**LIVROS:
R\$: 5,00**

DISQUE-LIVROS



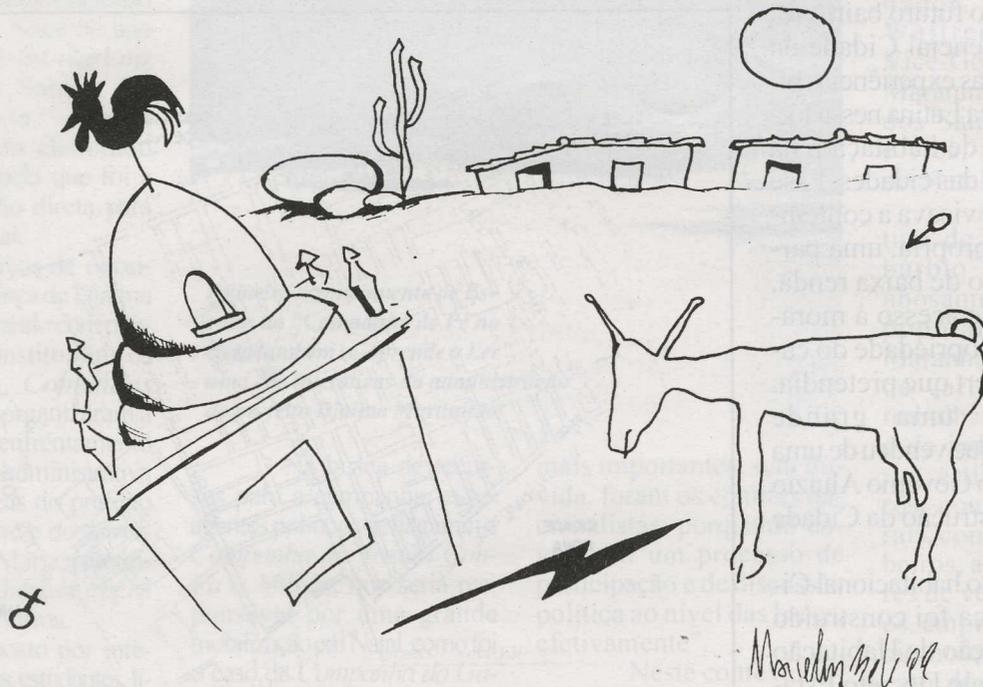
(084) 211-2001

E-Mail: potylivros@digi.com.br

Você telefona e recebe em sua casa o LIVRO de sua preferência, inclusive livros didáticos

O que era Natal em 1746

(Do relatório de Frei Luis de Santa Tereza à Santa Fé)



Descrevendo as três cidades da Diocese de Olinda, a saber: Olinda, Paraíba e Natal, diz a respeito desta última o seguinte:

“A terceira chama-se Natal, tão pequena, que além do título de cidade, Igreja paroquial e poucas casas, nada tem que represente a forma de cidade”.

Referindo-se às diversas paróquias da Diocese, do Sul para o Norte, diz com relação às do Rio Grande do Norte:

“Segue-se a Igreja de Nossa Senhora dos prazeres, situada no lugar chamado Goianinha, paróquia paupérrima, tendo anexos três oratórios (capelas filiais), em todos os quais apenas se encontra o necessário”.

A seguir, informa o dito missionário:

“Dista e está situada a 55 léguas da Catedral (Olinda) a cidade de Natal, de que acima falei. A Igreja paroquial tem o título de Nossa da Apresentação, pobremente ornamentada, como já disse das Igrejas pobres, tendo sob a sua jurisdição nove capelas filiais anexas para administração dos sacramentos, nos quais além da pobreza nada resta a notar”.

“Da cidade de Natal, ou *não tal* (como em vista

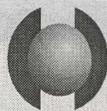
do seu tamanho, por graça se diz) na distância de 30 léguas e a 113 da Catedral (Olinda) foi criada a paróquia de São João Batista no lugar chamado Assu, cuja igreja de tamanho suficiente, construída de madeira e barro, tendo apenas um paramento encarnado e um branco, não possui objeto algum de prata: não tem nenhum oratório filial e carece de muitas coisas, como bem se compreende pela sua extensão, que é de 40 léguas de longitude e 20 de latitude”.

Natal, 18 de maio de 1929.
Cônego Estevão Dantas

Nota

A Diocese de Olinda foi criada pela Bula do Papa Inocêncio XI “Ad Sacram Beati Petri Sedem”, em 16 de Novembro de 1626.

Extraído da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, vols. XXV – XXVI – 1928-1929.



HIPOCRATES
COLÉGIO E CURSO

EDUCAÇÃO INFANTIL - (PRÉ-ESCOLAR)
ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO - (1º E 2º GRAUS)
CURSINHO PRÉ-VESTIBULAR - "A EQUIPE QUE MAIS APROVA"

- Colégio Hipócrates Zona Sul
Educação Infantil - Ensino Fundamental e Médio
Alameda das Mansões, s/n - Candelária
Tel: (084) 206-7729/206-8069
- Colégio e Curso Hipócrates
Ensino Fundamental e Médio
Cursinho Pré-Vestibular - "A Equipe que mais Aprova"
Rua Jundiá, 421 a 432 - Fone: (084) 221-4488

- Colégio Hipócrates Ponta Negra
Ensino Fundamental e Médio
Acesso pela Av. Eng. Roberto Freire, por trás do
Restaurante Tábua de Carne
- Colégio Hipócrates - João Pessoa
Ensino Fundamental e Médio
Cursinho Pré-Vestibular - "A Equipe que mais Aprova"
UNIDADE I - EPITÁCIO - Av. Epitácio Pessoa, 3955 - Fone: (083) 247-2294
UNIDADE II - BESSA - Rua José Ferreira Ramos s/n - Bessa - Fone: (083) 246-1811
- Colégio Hipócrates - Zona Norte
Ensino Fundamental e Médio
Cursinho Pré-Vestibular - "A Equipe que mais Aprova"
Av. Doutor João Medeiros, 1292 - Panatis I - Fone: (084) 214-2947

A Campanha de Djalma Maranhão

A campanha política posta em prática pelo candidato nacionalista Djalma Maranhão à prefeitura de Natal no ano de 1960, ao lado do vice Luiz Gonzaga dos Santos, foi marcada pela maciça participação do eleitorado natalense, naquela que foi a primeira eleição direta para prefeito de Natal.

As forças de oposição sob a liderança de Djalma Maranhão, contando com poucos recursos instituíram os chamados *Comandos Populares*, que organizaram a campanha no enfrentamento com a máquina administrativa sob as lideranças do prefeito José Pinto Freire e do governador Dinarte Mariz, patrocinadores da candidatura oficial do Sr. Luiz de Barros.

Composto por intelectuais, políticos, estudantes, líderes sindicais e de bairros, os *Comandos Populares* funcionavam como uma espécie de Comitê Central responsável pela criação dos *Acampamentos Nacionalistas* – Conjunto de barracas cobertas de lonas instaladas nas proximidades dos mercados e das feiras onde, além do alistamento eleitoral, existiam urnas onde eram depositadas contribuições financeiras destinadas à movimentação política – e dos surgimentos dos *Comitês Nacionalistas* organizados por ruas e por bairros. Existiam 240 comitês, inclusive femininos, que reuniam moradores de uma rua ou de um bairro não somente para participarem da campanha política, mas também para discutirem problemas, fossem locais ou não.



Primeiro acampamento de Escolas da "Campanha de Pé no chão também se Aprende a Ler", uma das iniciativas da administração do prefeito Djalma Maranhão.

Na busca de recursos para a campanha, esses agentes políticos deflagaram a *Campanha do Tostão Contra o Milhão*, que seria responsável por uma grande mobilização em Natal, como foi o caso da *Campanha da Gasolina*, necessária para o transporte de eleitores e que foi inteiramente doada pela população.

No período que antecedeu as eleições foram realizados vários comícios, debates e palestras, não somente no *Fórum de Debates*, localizado na rua João Pessoa, no centro da cidade, mas também nos bairros populares – Rocas e Conceição – através das amplificadoras *A Voz da Verdade* e *Cruzeiro do Sul*, respectivamente.

Segundo o professor José Willington Germano, autor do livro *"Lendo e Aprendendo – A Campanha de Pé no Chão"*, "Entretanto é preciso que se diga que de todas as formas de mobilização surgidas, na ocasião, as

mais importantes, sem dúvida, foram os comitês nacionalistas, porquanto envolviam um processo de participação e de discussão política ao nível das bases, efetivamente".

Neste contexto foram realizadas várias convenções dos *Comitês Nacionalistas*, nos bairros do Alecrim, Quintas, Conceição, Lagoa Seca, Tirol e Nova Descoberta através da amplificadora *Cruzeiro do Sul*, e no bairro das Rocas, através da amplificadora *A Voz da Verdade*, culminando com a participação de mais de duzentos comitês, além de delegados do interior do Estado, na realização da I Convenção Estadual do Movimento Nacionalista, nos dias 6 e 7 de setembro de 1960, na sede do Alecrim Clube, onde foram homologadas as candidaturas do Marechal Lott para Presidente da República, João Goulart

para Vice-Presidente, Aluizio Alves para Governador, Monsenhor Walfredo Gurgel para Vice-Governador, Djalma Maranhão e Luiz Gonzaga dos Santos para prefeito e vice, respectivamente, de Natal.

Assumindo a postura de "prefeito do subúrbio" como era carinhosamente tratado pela população, Djalma Maranhão recebeu o apoio de vários sindicatos de trabalhadores, dentre eles o da indústria de vestuário, estivadores, sapateiros, combustíveis, mineiros, construção civil, barbeiros, alfaiates, condutores de veículos rodoviários, empregados do comércio hoteleiros e do sindicato dos tecelões. Além dos sindicatos dos trabalhadores, os estudantes também participaram da campanha criando inclusive o *Comitê Estudantil Nacionalista*.

Vitoriosos nas eleições de 3 de outubro de 1960, o prefeito Djalma Maranhão e o vice Luiz Gonzaga dos Santos tomaram posse no dia 5 de novembro de 1960, realizando uma administração marcada pela honestidade e participação popular, até serem cassados pelo golpe militar de 1964.

João Gothardo Dantas Emerenciano

VEREADOR

Juliano Siqueira

MANDATO DEMOCRÁTICO - POPULAR

PCdoB

VEREADOR PT

OLEGÁRIO

MANDATO VIVO

Jorge Fernandes, o drama

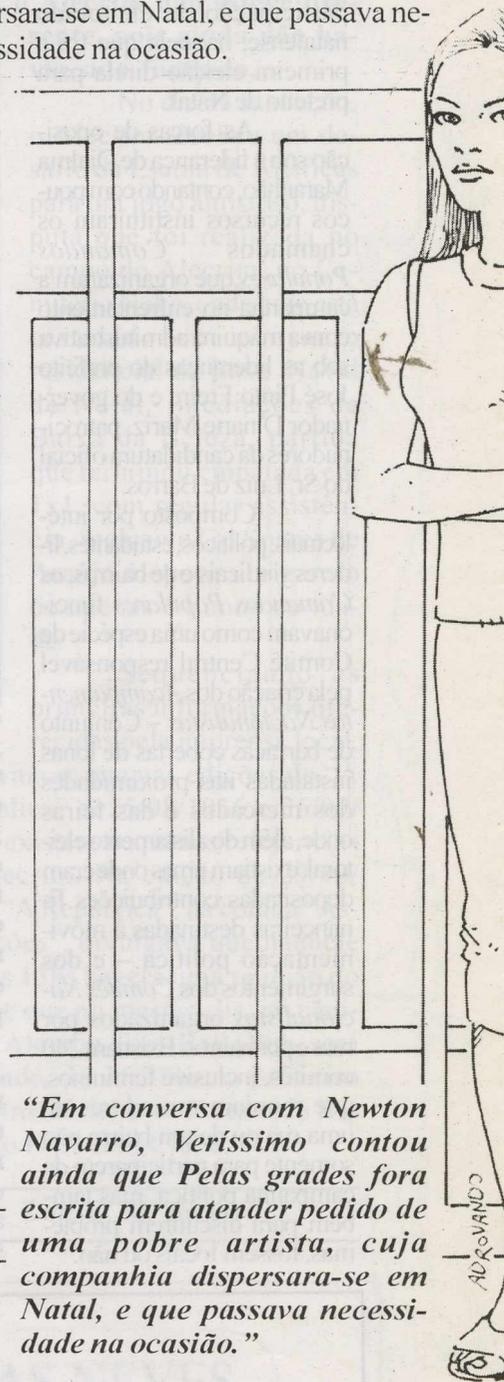
Sobre a poesia de Jorge Fernandes tudo, ou quase tudo, foi dito por tantos quantos admiram, estudam e dão fé da obra poética legada pelo genial bardo natalense, nascido no dia 22 de agosto de 1887, na rua Santo Antônio, àquele tempo rua Coronel Bonifácio. Não são poucos os intelectuais que fizeram ou fazem loas à poética jorgeana. Humberto Hermenegildo e Tarcísio Gurgel, entre os vivos. Dos que se foram para outra dimensão, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Luiz da Câmara Cascudo, Gumercindo Saraiva e Veríssimo de Melo, formavam uma plêiade devassadora da poesia do autor de Remanescente. Mas, contrariamente ao entusiasmo pelo estudo dos versos de Jorge, seus textos dramaturgicos repousam no limbo. Não se sabe ao certo se foram esquecidos em porões bolorentos ou perdidos para todo o sempre, por culpa do descaso e da omissão dos homens da cidade desmemoriada que o poeta e dramaturgo tanto amou. Cabe aos entusiastas da dramaturgia de Fernandes, a missão espinhosa de resgatar sua obra, reparando uma ingratidão histórica e abrindo as páginas de seus textos à apreciação das novas gerações.

Jorge Fernandes pertenceu a *O Gymnasio dramático*, instituição de amadores fundada por Ivo Filho, em 1914, que funcionava no então *Theatro Carlos Gomes*, hoje Alberto Maranhão. Tomavam parte em *O Gymnasio dramático* alguns dos maiores nomes da intelectualidade natalense da época, dentre os quais, Sebastião Fernandes (irmão de Jorge), Luiz Potyguar, Sandoval Wanderley, Jayme Wanderley, Abelardo Bezerra, além, sobretudo, dos parceiros Virgílio Trindade, então cronista humorístico de renome, e Ezequiel Wanderley, eminente poeta e dramaturgo.

A fase dramática de Jorge Fernandes vai de 1913 a 1920. São desse período os textos *Anti-Cristo* (revista de costumes, em parceria com Virgílio Trindade), *Pelas grades...* (*grand guignol*, 1915), *Céu aberto* (revista em co-autoria com Virgílio Trindade e Ezequiel Wanderley, 1915), *A mentira* (drama, 1916), *O brabo* (*vaudeville*, 1918), *On plus* (revista de costumes locais, em parceria com Virgílio Trindade), *Já teve* (revista), *Ave-maria*, *O aniversário*, *De joelhos* (peça patriótica, 1918), *Desesperada* (tragicomédia), *Assim morreu* e *Manhã de sol*. Oficialmente são treze peças perdidas, um número cabalístico para quem acredita em superstição, que bem poderiam contar uma década do teatro natalense, se o descaso com a cultura teatral da cidade não fosse tão brutal. E esse número de peças pode ser ainda maior. Segundo a escritora e professora do Departamento de Artes da UFRN, Sônia Maria Othon, em seu livro **Dramaturgia da cidade dos Reis Magos** (Edufrn, 1997), “é possível que também sejam de Jorge Fernandes e Ivo Filho, respectivamente, as peças *Arsênio* e *Potoca*, citadas por Meira Pires, um tanto confusamente, em meio a títulos dos dois e de Virgílio Trindade”.

Para o escritor e pesquisador Veríssimo de Melo, o mais célebre texto dramaturgico de Jorge Fernandes é *Pelas grades*, extraído de um de seus contos. Veríssimo assinalou no prefácio ao **Livro de poemas de Jorge Fernandes e outras poesias** (FJA, 1970) que, *Pelas grades*, “foi encenada várias vezes em Natal e noutros Estados, e adaptada para o rádio. Jorge nos dizia que gostava muito da peça e achava que tinha sido outra pessoa que atuara nele para escrevê-la. Por esse tempo lia muito Gorki e Dostoievski. Não foi sem razão que notaram em *Pelas grades* influências de autores russos”. Em conversa com Newton Navarro,

Veríssimo contou ainda que *Pelas grades* fora escrita para atender pedido de uma pobre artista, cuja companhia dispersara-se em Natal, e que passava necessidade na ocasião.

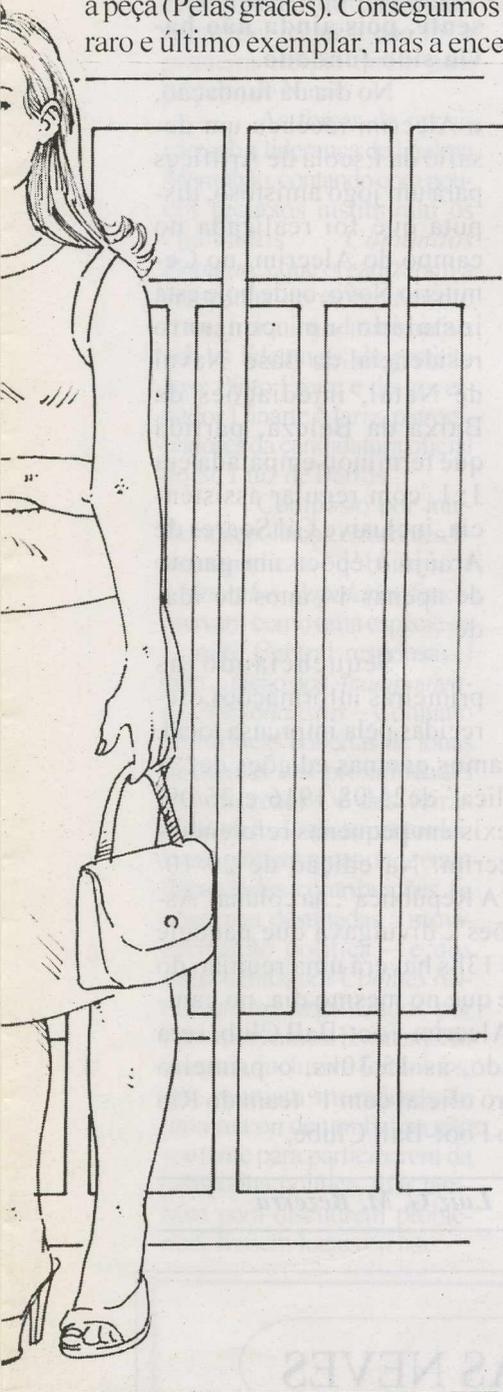


“Em conversa com Newton Navarro, Veríssimo contou ainda que *Pelas grades* fora escrita para atender pedido de uma pobre artista, cuja companhia dispersara-se em Natal, e que passava necessidade na ocasião.”

Outro estudioso da obra jorgeana foi o artista plástico e dramaturgo Newton Navarro, que tomou assento na cadeira nº 37, sob o patrocínio de Jorge Fernandes, na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, no dia 26 de outubro de 1967. Navarro revelou em seu discurso de posse: “O primeiro movimento teatral de Estudan-

aturgo das peças perdidas

tes do qual fazíamos parte juntamente com um sobrinho do poeta, meu amigo Marcelo Fernandes, tentou encenar-lhe a peça (Pelas grades). Conseguimos um raro e último exemplar, mas a encena-



ção não se fez. O que aconteceria depois sob os auspícios do Teatro de Amadores de Natal, por iniciativa de Sandoval Wanderley". Revelador, Navarro prosseguiu: "Nesse espetáculo, por feliz achado, ao lado de Pelas grades, os nossos amadores encenaram também O muro, peça em um ato de Jean Paul Sartre". E arrematou adi-

ante: "A leitura de Pelas grades, não sei bem o porquê, me traz à lembrança uma peça-monólogo de Eugene O'Neil - Antes do café. O clima das duas muito tem de comum na ânsia, no quase desespero e no clímax que, em apenas um ato, e um personagem, os autores conseguem represar a trama". Nota-se no subtexto do discurso, a preocupação de Navarro com o destino dos textos de Fernandes.

Já o escritor e pesquisador Gumercindo Saraiva, que no ano do centenário de nascimento do dramaturgo, lhe dedicou um livro intitulado **Jorge Fernandes: um século depois** (Edições Clima, 1987), registrou que o divulgador da obra de Jorge, o tipógrafo João Estevam, dissera-lhe que "os textos teatrais estão contaminados de palavras excêntricas, que eram incompreendidas, pois ainda não se falava em modernismo...". Gumercindo revelou que a peça Anti-Cristo, levada à cena várias vezes, a começar do ano de 1915, "tem termos aberrantes, como estes: Cambuba - Xiribaia e Xibiraiá, Xumbregar, Dona Chibata, Calabriosa (referindo-se a um filho da Calábria - Itália -) Rurrrr!... - Vermelhacudo e papa-lua". É importante assinalar, mais uma vez, que Anti-Cristo foi escrita em parceria com Virgílio Trindrade. Digase de propósito, as parcerias de Fernandes não tiveram a aprovação de Gumercindo: "Não compreendemos porque todos os dramas de Jorge Fernandes foram compostos em parceria, quando ele representava, no ambiente literário, figura central, estimada e colaboradora, nos movimentos culturais, chegando às serestas com quadras que ele próprio escrevia", observou o escritor. Contudo, a parceria é uma das características da dramaturgia Jorgeana, que deve ser estudada mais

a fundo por quem de dever.

Ao jornalista, fica difícil fazer qualquer comentário crítico ou juízo de valor sobre o nível de excelência da literatura dramática de Jorge Fernandes, quando não tem a concretude dos textos para uma análise aprofundada e proba da citada obra. Sabemos apenas que Jorge ia da revista ao drama, passando pelo *grand guignol* e *vaudeville*. Dir-se-ia que foi um dramaturgo eclético, antenado com seu tempo e com sua gente, que não atolava na charneca da repetição de gêneros e de temas. Este artigo é, antes de tudo, sobretudo, um grito de alerta voltado para a preservação da memória teatral da cidade e do Estado. Peço a quem tiver algum texto dramaturgico engavetado de Jorge Fernandes, que atire a primeira pedra, nem que seja pelas grades, doando-o a alguma instituição cultural para um possível (re)lançamento. Seria uma declaração de amor ao dramaturgo, à cidade do Natal e ao teatro. Afinal de contas, o teatro é a fascinante aventura do homem em busca de um conhecimento maior de si mesmo e de seu semelhante.

Paulo Jorge Dumaresq
é jornalista e teatrólogo

Referências bibliográficas:

ARAÚJÓ, Humberto Hermenegildo de. O lirismo nos quintais pobres: A poesia de Jorge Fernandes. Natal: FJA, 1997.

COSTA, Lucas da. Disfarçados. Natal: IHGRN, 1997.

FERNANDES, Jorge. Livro de poemas e outras poesias. Natal: FJA, 1970.

NAVARRO, Newton. Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Ano XX - Nº 9. Natal: Ed. Universitária, 1971.

OTHON, Sônia Maria de Oliveira. Dramaturgia da cidade dos Reis Magos. Natal: Edufrn, 1997.

SARAIVA, Gumercindo. Jorge Fernandes: um século depois. Natal: Edições Clima, 1987.

A Fundação do Alecrim Futebol Clube

Desencontradas têm sido as informações a respeito do Alecrim Futebol Clube, quanto à data de sua fundação, dirigentes e suas disputas amistosas e oficiais.

Pesquisando por muitos anos – “A República” e “A Imprensa” e, principalmente, ouvindo desportistas, inclusive o quase nonagenário Gil Soares de Araújo, amigo e parente próximo dos fundadores do Alecrim e ainda testemunha ocular, desde os 10 anos de idade, dos primeiros passos do alviverde, colhemos alguns dados e estamos agora oferecendo a nossa versão, abrindo, certamente, novas picadas em prol de um melhor esclarecimento sobre a vida do simpático e glorioso Alecrim Futebol Clube.

Os primeiros movimentos para a fundação do Alecrim ocorreram sob as frondosas mangueiras da Vila Maria, sítio da família de Cândido Medeiros, localizados entre o Grupo Escolar Frei Miguelinho e o Hospital de Alienados (Lazareto da Piedade), à rua Fonseca e Silva, tendo sido o desportista João Café Filho o grande coordenador que, no futuro foi seu presidente e primeiro goleiro.

Conforme informações do desportista Gil Soares de Araújo, entre outros, foram estes os fundadores do Alecrim: Lauro Medeiros, João Café Filho, Solon Andrade, João Medeiros (Jacó), Juvenal Fernandes Pimenta, Antônio Gonçalves, José Barros Tinoco (guarda da Alfândega), Humberto Medeiros, José

Firmino, Pedro Dantas e Gentil Oliveira.

O nome escolhido, à unanimidade, foi ALECRIM, numa homenagem ao bairro que havia



Café Filho

sido criado em 1911, por força de uma resolução de Lei, de 23/10/1911, do Intendente Joaquim Manoel Teixeira de Moura (1902/1913).

Até hoje não se conhece nenhum registro na imprensa local sobre a data de fundação do Alecrim Futebol Clube.

Quando em 27/02/1916 se pretendeu a fundação de uma entidade em Natal com a finalidade de amparar os clubes desportivos que existiam organizados, o que ocorreu, sob a orientação de Aníbal

Leite Ribeiro, com a denominação da Liga Esportiva Natalense que, porém, não teve êxito, embora tivessem sido realizados alguns jogos, **o Alecrim não esteve presente, pois ainda não havia sido fundado.**

No dia da fundação, o Alecrim recebeu um desafio da Escola de Artífices para um jogo amistoso, disputa que foi realizada no campo do Alecrim, no Cemitério Novo, onde hoje está instalado um conjunto residencial da Base Naval de Natal, imediações da Baixa da Beleza, partida que terminou empatada em 1x1, com regular assistência, inclusive Gil Soares de Araújo à época um garoto de apenas 14 anos de idade.

Sequenciando as primeiras informações oferecidas pela imprensa local, observamos que nas edições de “A República” de 25/08/1916 e 26/09/1916, existem pequenas referências ao Alecrim. Na edição de 29/10/1916, “A República”, na coluna “Associações”, divulgava que naquele dia “às 13hs haverá uma reunião do clube e que no mesmo dia, no campo do Alecrim Foot-Ball Club, será realizado, às 15:30hs, o primeiro encontro oficial com 1º team do Rio Branco Foot-Ball Clube.”

Luiz G. M. Bezerra



COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS NEVES

O Colégio Nossa Senhora das Neves sediará nos dias 20 e 21 de agosto a

II JORNADA DE EDUCADORES DA PROVÍNCIA NOSSA SENHORA DAS NEVES

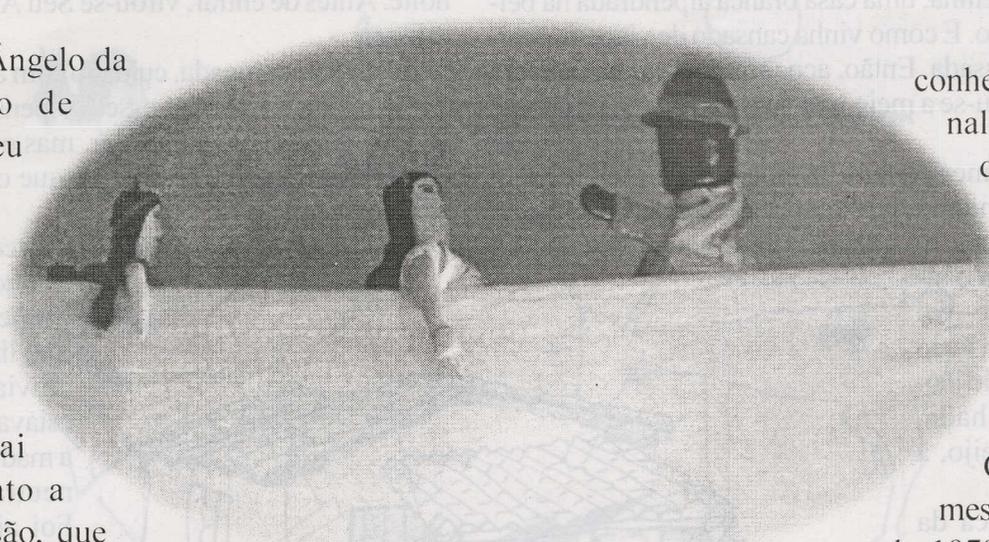
- O conferencista será o Dr. Prof. Celso Vasconcellos que trabalhará o tema: **AVALIAÇÃO: uma prática em construção.**
- Contaremos com a presença dos educadores de todas as escolas do Amor Divino, convidados das escolas de Natal e adjacências.

Colégio Nossa Senhora das Neves, Praça Pedro II, 1055 - Alecrim CEP: 59.030 -000-Natal-RN. Fone: 211 4566

O Genial Chico de Daniel

Francisco Ângelo da Costa (Chico de Daniel), nasceu em Assu no Rio Grande do Norte, filho de Daniel Ângelo da Costa e Luiza Soares. Do pai herdou portanto a mesma profissão, que lhe valeu o pseudônimo Chico de Daniel. O garoto Chico de Daniel logo cedo tornou-se presença constante ao lado do pai, 'mestre Daniel dos bonecos' que de mala nas costas percorria vilas e povoados levando entretenimentos e arte a todos. O João Redondo, como é chamado no Rio Grande do Norte, é uma das manifestações culturais mais antigas de nossa região, herdada de nossos colonizadores, persistem ainda hoje em algumas regiões do estado do Rio Grande do Norte e Nordeste do Brasil, mais precisamente na Paraíba e Pernambuco.

Francisco Ângelo da Cos-



ta é a expressão maior do Teatro Popular do Rio Grande do Norte. A Magia de seu espetáculo envolvendo o público, aliado ao grande poder de criatividade, torna suas apresentações contagiantes. É um artista diferente de todos os demais neste gênero, pois, mesmo usando tema da sociedade urbanizada não perde a beleza da linguagem popular, levando o público a participar com suas histórias pitorescas onde o cômico muitas vezes se compartilham, com a malícia, a sátira e a paródia, uma constância em seus espetáculos.

Famoso, conhecido nacionalmente, reside no Bairro de Felipe Camarão, zona periférica da grande Natal. Continua o mesmo dos idos de 1979, quando a

Fundação José Augusto o descobriu: simples, humilde, manso no falar e vagaroso no andar, entretanto brilhante, extraordinário, genial, sempre solicitado para apresentações dentro e fora do estado, brilhando em festivais, encontros culturais mais precisamente no festival de Canelas (RS) onde por três oportunidades como representante do Rio Grande do Norte brilhou com seu espetáculo.

Severino Vicente

Membro da Comissão Norte-Riograndense de Folclore

✂ Recorte e ganhe uma bolsa



CURSINHO INTENSIVO

HORÁRIO: NOTURNO

BOLSA ESPECIAL

R\$ 30,00 MENSAIS

Matrículas - Av. Rio Branco 411, Fone: 211-5977



**A MAIOR
VARIEDADE
EM LIVROS**

**CIÊNCIA-TECNOLOGIA-
ARTE-LITERATURA**

A livraria de todas as universidades

**Centro de Convivência Djalma Marinho,
lojas - 08/09- Fone: 211-9230**

A Cruviana

Embalado no troço de Pachola, Chicão de Tina avisou, de tardezinha, uma casa branca alpendrada na beira do caminho. E como vinha cansado de viagem, decidiu pedir pousada. Então, acochou esporas no pangaré e encaminhou-se a meio galope na direção da casa vista.

O homem que se balançava em uma rede do alpendre mandou apear o estranho. Se queria passar a noite, às ordens. Só que a casa era sem acomodações dentro. Tinha o alpendre, que foi aceito. E veio cafezinho, veio janta com coalhada, canjica e queijo, a mesa farta.

À boca da noite, conversas no alpendre de sempre, enquanto se debulhava feijão dentro das redes armadas de pilar em pilar. Ali estavam o dono da casa – de nome Seu Aderaldo – mais um morador e Chicão.

De vez em quando parava-se o converseiro e ficava-se só ouvindo a cantoria dos sapos no açude perto. Sucedia alguma vaca mugir com ternura chamando o bezerro.

Aquela estrela já ia bem no alto, quando o morador disse um “vocês inté amanhã”, e se foi em busca da sua casinha na vizinhança. Chicão, então, sentiu a chegada do sono e lembrou-se de quando era menino: “O sono vem no meio da testa; chega já nos olhos”. Aí a dona da casa botou seu cocó na porta-da-frente e lembrou, timidamente, que “estava na hora”.

Quando mediram o feijão, haviam debulhado três cuias e meia. O dono da casa desarmou sua rede. Res-

tou no alpendre apenas a do estranho, que ia passar a noite. Antes de entrar, virou-se Seu Aderaldo para este e disse:

De madrugada, cuidado com a cruviana.

“Que bicho será esse?” – pensou Chicão. Ainda teve vontade de perguntar, mas o homem já ia fechando a porta. O que é fato é que o sono fechou os olhos do vaqueiro.

Madrugada, Chicão acordou com uns ruídos es-

tranhos no terreiro. O primeiro pensamento que lhe ocorreu foi: a cruviana! O sol ainda estava longe de nascer, a madrugada era de cor neutra, meio escura. Foi aí que o caboclo notou um vulto esquisito lá para as bandas da casinha do morador. Deixou que se aproximasse mais. Sem dizer “quem vem lá?”, mandou bala pra cima do bicho.

Com os tiros, apareceu logo o dono

da casa, ainda em trajes menores.

Matei a cruviana – falou Chicão. – Lá está o bicho estrebuchando.

Seu Aderaldo não teve tempo de dizer que cruviana era apenas o friozinho da madrugada, pois o outro o arrastou para ver de perto a coisa ali no canto do terreiro.

Foram e viram Pachola numa poça de sangue, que começava a crescer empapando a terra.

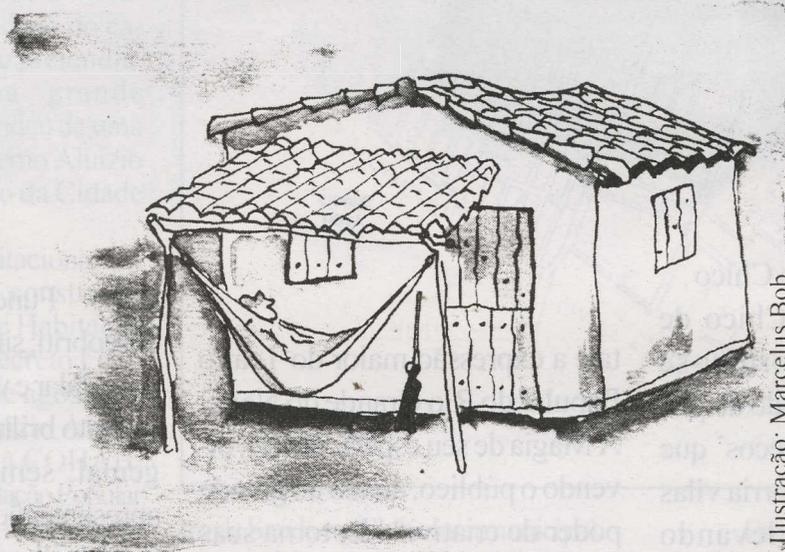


Ilustração: Marcellus Bob

Manoel Onofre Jr.

Extraído do livro *Chão dos Simples*
2ª Edição - Natal, 1998



EMSERV

**Empresa de vigilância e Transporte
de valores LTDA.**

■ Av. Campos Sales, 682-Tirol- Tel.:(084)211-7888/ 211-3159
(fax): 211-3159.

■ Rua Epitácio Pessoa, 527- Bom Jardim-Mossoró/RN-

**J E B O
CATA LIVRO**

Compra, venda e troca de livros,
discos, cd's, videos e cassetes
usados.



Matriz na Rua da Conceição, 617,
Filial na Vaz Gondim, 816, Centro-Natal

Relembrando Nilo Pereira

A evocação de um passado distante me transporta ao tempo em que fui aluno de francês do professor Nilo Pereira.

Isto aconteceu em 1930 quando o prof. Severino Bezerra o convidou para ministrar aulas aos alunos que, no velho Colégio Pedro II, cursavam o primeiro ano ginasial.

Entretanto, só voltei a conviver com o antigo mestre muitos anos depois quando, trazendo o meritório valor cultural que consolidara no Recife, a cidade que o adotou, vinha a Natal ou a Ceará-Mirim, cidade-berço para encontros no mundo da cultura.

Lembro um dos nossos primeiros encontros onde interessei-me em fazer referência a um detalhe que parecia conter um sentido evidente: foi a frase em francês que decorei quando era seu aluno e que nunca esqueci:

“Si la porte est fermée nous ne pouvons pas sortir”



Nilo Pereira

Em outra ocasião encontrei-me com o casal (ele e sua senhora) e fiz uma revelação que os surpreendeu: Afirmei que o meu nome de batismo foi inspirado no nome de seu cunhado Grácio Pimentel Marques que nascera um ano antes de mim e cuja participação

de nascimento foi transmitida a meu pai por seu genitor, residente no Recife.

Destes encontros, certamente amistosos, nasceu uma resumida troca de correspondências. Certa vez escreveu-me solicitando o que poderia eu dizer acerca da influência do movimento modernista de 1922 sobre a música popular brasileira. Estando no Recife, fui entregar pessoalmente a resposta em sua residência. Lá chegando, encontrei apenas um empregado que me disse:

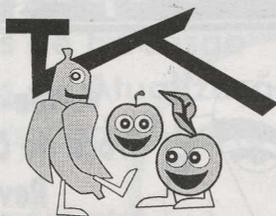
“o Dr. Nilo está adoentado em seu quarto e talvez não possa descer”.

Levou o criado a minha identificação e, de repente, vem o Nilo descendo a escada. Ouvi então as suas primeiras palavras: “Só desci porque se tratava de pessoa do Rio Grande do Norte”.

Isto pode demonstrar que, apesar da prolongada vivência fora de sua terra, do seu Estado, as “Imagens do Ceará-Mirim” continuavam vivas e edificantes na sua lembrança.

Grácio Barbalho

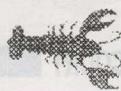
A Ki - Tanda



A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES

Av. Antônio Basílio, 2703 Lagoa Nova - Natal/RN
Telefrutas: (084) 231-0715 Telefax:(084)206-5612

CASA DO PEIXE LTDA



Camarão, Peixe, Lagosta,
Carne de Caranguejo,
Marisco, Ostra e Etc.



Ney Aranha Marinho Júnior
Sócio Gerente



Rua São João, 4 (Canto do mangue) - Rocas - Natal/RN
Tel.: (084) 221-4917/982-2085

A Conferência

- Era noutra vida, mas ainda me lembro - o soldado dissera, embora eu soubesse que ele estava morto.

Eu assistia à minha primeira conferência, cercado pela indiferença imensa dos demais. Guardei comigo o segredo, que agora revelo, para que sirva de prisma aos que a mudança de condição costuma desorientar.

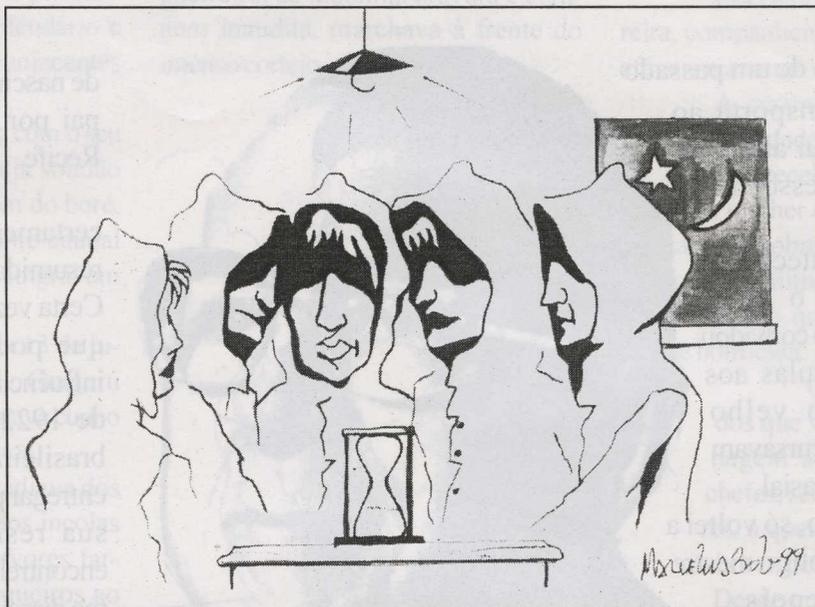
Havia um velório de gente simples, comum. No mesmo salão a conferência teve início. Pouco a pouco os convidados foram chegando. Fisionomias opacas,

traços individuais sumários, gestos simples, ordinários, comuns. O físico e a roupa dos presentes pareciam incompletos. Reparo em alguém usando macacão de serviço, trabalhando num comutador de luz, girando-o para lá e para cá, tentando fazer funcionar um amplificador de som.

- A pátria é morta! - alguém diz, envergonhado, sussurrando.

Volto-me na direção de onde parte o sussurro, mas não consigo identificar seu autor. Julgo provir de um soldado paraguaio. Há muita gente desconhecida no ambiente, que permanece mergulhado em penumbra.

Na sala silenciosa os presentes incorporam profunda circunspeção, ainda exalando a estafa terráquea. Por toda parte reina um pesado mutismo. Os vivos, ao lado do esquife, estão emudecidos, não conversam. Só os mortos comunicam-se, mas mesmo assim parcimoniosamente, como se em moda estivesse a economia das palavras. Mas



de quando em quando a crosta do silêncio é quebrada por tímbrs perfunctórios, destituídos de musicalidade e de doçura.

- Eu também lá estive - alguém me disse, aproximando os lábios de meu ouvido. - Eu também batalhei - afirmou, insistente. - ...mas escapei. Aquele sujeito - confidenciou, estirando o braço na direção do moço atarracado, de traços campônios, a angústia estampada no rosto: - Eu o matei com o meu facão. Depois enterrei meu sabre, que rangeu, em seu coração! Ainda gozo, como antegozei, sua medonha aflição! Ah, danado! Se de novo te pego! Noutra vida!

- Não me recordo de ter me encontrado consigo na guerra... À sua chegada eu talvez já tivesse morrido - eu lhe disse. Talvez eu o tivesse fuzilado antes que você chegasse a matar aquele outro...

- É, eu sei. Na guerra as coisas acontecem sem a gente saber o

porquê. Imagine que pergunto por López, e as pessoas, mesmo aquelas às quais matei, não se lembram dele, não se lembram de seu nome, de nada... Tão estranho! Não se lembram de mim que as fulminei!

- ele insiste. Quando eu me revoltava também matava os do meu partido.

- Isso pode acontecer. Conheço o fenômeno, pois por ele passei.

É natural que desejemos acabar com a guerra matando a todos. Mas não esqueçamos a fisionomia dos que agredimos e sim a do agressor que nos mata. Com isso sofremos.

Sem que eu percebesse, um orador passa a discorrer acerca de assuntos e coisas que a nenhum dos presentes parecia interessar.

- Ele está falando sobre um homem - alguém me adverte.

- Quem sabe se não se refere ao morto?... - um outro insistiu.

- Pode ser, se ele se chama Josué....

- Mas aquilo que não consigo entender causa-me náusea - um outro homem esclareceu, os olhos em brasa, a voz empastada, triste.

Recente, ele ainda trazia o pó das estradas nas vestes, cheiro de terra nas mãos.

- De qualquer modo vou ouvi-lo. Estou aqui para isso. Sua linguagem pode ser direta, insípida, sem nenhuma



GRUPO DINÂMICO

ORGANIZAÇÃO: JOSÉ HENRIQUES BITTENCOURT

Cursinho Dinâmico
Pré Vestibular
Rua José Alencar, 818
Fone: 222-0991-
Cidade Alta

Colégio Dinâmico
Ensino Médio e Fundamental
(1º a 2º Graus)
Rua José de Alencar, 818
Fone: 222-0992-
Cidade Alta

Centro Dinâmico de Educação
Educação de Jovens e Adultos
Av. Deodoro, 817-
Fone: 221-1169
Cidade Alta

Sebo Espaço 104



**Vende-Compra-
Troca de Cd's - Livros-
Revistas**

Rua Vigário Bartolomeu,
nº 565, Centro - Natal/RN
Fone: 221 - 3717/987-8551

retórica, mas surge da melancolia os melhores poemas. Gosto de Hoffmann... Castro Alves... Bandeira...

- Por favor, não consigo acompanhar as metáforas... Tenho o cérebro cozido pela guerra. Sua fala me é muito estranha! Parece estrangeiro...

- Não, ele não o é! Veja como está sendo aplaudido. Há vibrações históricas no ar, um cego entusiasmo. Deve ter sido político, um demagogo.

- Mas lá em seu lugar o morto está silencioso. A bandeira da pátria recobrando o esquife... O soldado que ele foi, se foi.

- Não! Não se foi. Veja, ele está ali. É aquele, o mais jovem e triste de todos.

- Ah!

- Foi um herói! Dos grandes! A muitos vitimou com o sabre, no corpo-a-corpo das trincheiras.

- É, eu sei. Era forte. Mas acabou transformado em bucha de canhão. É a sorte dos heróis... Francisco Solano López precisa ser vencido para a guerra acabar!

- Mas a guerra acabou há mais de século!

- Penso que não. Só agora acabo de chegar de lá! Preciso de uma explicação!

De pé, junto à porta, que escoro com o ombro, sinto-me preparado para qualquer emergência. Mas assisto à conferência, não obstante o invencível tédio. Mas não me arrependo de ter vindo de longe para participar daquela nostalgia.

- Cuidado! O movimento quer engrossar! Aqui também os homens não se entendem. Os espíritos ainda não estão desarmados! Hastearam a bandeira de López! Veja!

Olho e percebo que algo de anormal está acontecendo. Subitamente o auditório se agita. Ergo meu sabre e me animo ao ver na platéia alguns amigos. Noto que estão mortos, mas de sabre na mão. Mortos eles se mantêm junto ao caixão ao

lado dos parentes do soldado que está sendo velado.

- Ele agora está falando melhor - alguém me diz, fazendo um gesto com o queixo na direção do orador de quem não consigo ver o rosto.

Nesse íterim o orador muda de postura e o tom de sua voz parece acariciar um tema esotérico, como se aquele assunto fosse a menina de seus olhos. Logo, porém, a oratória começa a adquirir consistência pastosa e se torna incompreensível. A cada minuto o orador piora o teor do discurso, perdendo-se em circunlóquios vazios, em empolados silogismos, dos quais todos fingem gostar. Sinto-me inferiorizado, pois sou o único a não tolerar o que ele diz, quando o que ele diz arranca palmas e gritos da platéia.

- Que homem inteligente! - um sujeito suspira.

- É o que dizem, mas toda essa arenga sem nexos me perturba - eu afirmo. - Chego a ter náuseas, pois estou certo de haver passado por isso outras vezes...

- Ora, não seja por isso! Você tem todo o direito de não gostar porque é novo aqui. Em seu crachá de novato eu vejo que você morreu há cento e trinta anos. É um bebê. Tá fresquinho, fresquinho...

Ouço o que me dizem e me descubro tendo dó de mim mesmo, sobretudo porque começo a sentir falta de meus comandos neurológicos. Movo-me com leveza, mas não me encaminho para onde desejo, sendo guiado por algo que não entendo e nunca vejo. Ao tentar escapar-me do salão superlotado, sou impelido para o epicentro do monótono ajuntamento. Alguém me empurra na direção de uma cadeira que se acha vazia.

- É a sua vaga - diz-me, reforçando a informação com um aceno de cabeça.

- A minha vaga! - exclamo, feliz, adiantando-me entre os demais. Atravesso a multidão, sem resistência.

Sento-me. Vejo que estou entre estranhos que me fixam com desaprovação. Logo, porém, percebo a presença de um amigo e exclamo: "Graças a Deus!" Volto-me para um e outro lado e vou identificando rostos amistosos, semblantes amigos. Um, dois, três e muitos, muitos outros. O mais próximo é um poeta morto. Chamava-se Carlos, um romântico. Um outro é Gui... Jogou pela janela a herança; jogou mal com a vida. O terceiro homem é José. Ao ouvido me diz que estou mudado, quando lhe parece ter sido ontem que aconteceu o nosso último encontro.

- O tempo não passa! Envelhecemos porque ao passar friccionando a barreira de tempo, sabe?!...

- Sim, penso que sei.

- Loucos! Todos são loucos, porque eu não morri! Eu estou aqui, vivinha da silva! Não; eu não morri! - exclama a mulher de cabelo empoado, coçando as ventas, arranhando as faces vermelhas com as unhas pontiagudas.

Todos a olham em silêncio. Revejo a moça esbelta e loura numa das cadeiras da primeira fila. Volta-se para mim, vestida de branco, acenando e sorrindo. Tem olhos enormes, cor de mel, lábios rubros e boca rasgada. Seu jeito é de gazela, mas eu finjo não lhe denotar a mágica presença. Dentro de mim vai nascendo um sentimento estranho e dúbio, mais que amor e muito mais que simpatia.

- É assim que a gente se apaixonou - uma mulher murmura em meu ouvido. - A gente faz que não liga, mas quando a gente vê, está apaixonado.

- Apaixonar para quê, se estamos todos mortos?!

- A matriz de tudo está aqui. Nós somos a matriz. É aqui onde nos preparamos para futuros empreendimentos. Deus assim nos fez e assim seremos. Concorde comigo?! - ela perguntou. Eu concordei.

Nilson Patriota

CLIMA

Artes Gráficas e Publicidade LTDA

Rua. Dr. Barata, 216 - Fone: 222-3994-
CEP-59012- Ribeira-Natal/RN

Nordeste

EDITORA GRÁFICA

Serviços Gráficos em Geral

Rua Padre João Manoel, 520 - Centro - Natal/RN
Fone: (0xx84) 222-1461



ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL

Há 85 anos, educando a Mulher para o desempenho de suas atividades, comprometida com o mais alto padrão de ensino.

CURSOS:

*Educação Infantil
(Maternal à Alfabetização)
Opção de Tempo Integral

*Ensino Fundamental
(1ª à 8ª série)
Opção de Tempo Integral e Internato

*Ensino Médio (1º ao 3º ano)
Formação Técnica em Economia Doméstica
Atendimento opcional em regime de Internato para alunas de todo o país.

Av. Hermes da Fonseca, 789 - Natal/RN CEP.: 59015001 Fone: 842152900

PROGRAMAÇÃO

Dia: 28/08 (Sábado)

- Batismo
 - Eucaristia - alunos ED/HC
 - Crisma - alunos ED/HC
- Local: Ginásio da Integração
Hora: 08:00h
 - Noite do reencontro de professores

Local: Jardim interno
Hora: 20:00h

Dia: 29/08 (Domingo)

- Confraternização das Ex-alunas
- Local: no Bosque da ED
Hora: 09:00h
REPAS às 13:00h e 17:00h
Senhas: Nick Buffet, à Av. Hermes da Fonseca 954, Tirol. Fone: (084) 2114058.
Traje: Camiseta personalizada

Dia: 30/08 (Segunda-feira)

- Entrega do mérito "Henrique Castriciano";
 - Apresentação da Ex-aluna Ivelise Moura - Cantora Lírica.
- Local: Auditório da ED
Hora: 20:00h
 - Exposição de Artes Plásticas, Produções Literárias e Trabalhos Manuais - mostra de ex-alunas;
 - Sarau com a apresentação do Coral da ED - Regência do Maestro Isak Lucena dos Santos;
 - Karaokê a cargo das ex-alunas.

Local: Jardim Interno
Hora: 21:00h
Traje: Camiseta personalizada

Dia: 31/08 (Terça-feira)

- Inauguração da Alameda dos Territórios
- Hora: 10:00h
 - Carreata

14:00h - Concentração na ED.
14:30h - Percurso: Ruas Apodí, Deodoro, Trairi e Hermes da Fonseca.
Traje: Camiseta personalizada
 - Noite livre para eventos sociais da ex-aluna de Natal às ex-alunas de outros Estados.

01 DE SETEMBRO DATA MAGNA (Quarta-feira)

- Missa
- Celebrante: Pe. José Mário de Medeiros. Participação do Coral Maestro Isak Lucena dos Santos.
Local: Matriz do Bom Jesus, Ribeira - 1ª Paróquia da Escola Doméstica
Hora: 08:00h
 - Visita à antiga sede da Escola Doméstica; Aposição de placa e deposição de flores.

Oradora: Terezinha Salustino Soares Lins.
Hora: 09:30
Traje: Camiseta personalizada
 - Noite de inesquecíveis recordações.

Local: Área Externa da ED
Hora: 20:00h
Programação Artística a cargo das Professoras:
 - Alessandra Marques Reboças Rosas
 - Kaline Moura de Miranda

Traje: Ex-alunas com figurinos correspondentes a sua década.
(OPCIONAL)

*** JÁ A VENDA NA ED CAMISETAS PERSONALIZADAS
INFORMAÇÕES: 215-2904**